



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS**

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

**FOFOCA HISTÓRICA: O Jornal Histórico como Metodologia Ativa
de Ensino e Aprendizagem**

JUAZEIRO

2024

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

**FOFOCA HISTÓRICA: O Jornal Histórico como Metodologia Ativa
de Ensino e Aprendizagem**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Polo Juazeiro-BA, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Orientador: Prof. Dr^a. Michelle Christini Araújo Vieira

JUAZEIRO

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

TIAGO FERREIRA DOS SANTOS

“Fofoca Histórica: O jornal histórico como metodologia ativa”

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Polo Juazeiro-BA, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Aprovado em: 09 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 MICHELLE CHRISTINI ARAUJO VIEIRA
Data: 09/01/2024 14:03:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Michelle Christini Araújo Vieira, Doutora, Universidade Federal do Vale do São do São Francisco).

Documento assinado digitalmente
 ALINE ARAUJO MASCARENHAS
Data: 09/01/2024 15:32:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Aline Araújo Mascarenhas, Mestre, Universidade Federal do Vale do São Francisco).

Documento assinado digitalmente
 ABINALIO UBIRATAN DA CRUZ SUBRINHO
Data: 09/01/2024 15:15:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Abinalio Ubiratan Da Cruz Subrinho, Mestre, Universidade do Estado da Bahia, Uneb).

FOFOCA HISTÓRICA: O Jornal Histórico como Metodologia Ativa de Ensino e Aprendizagem

Tiago Ferreira dos Santos

RESUMO

Este trabalho estruturado a partir de um relato de experiência, objetiva indicar o jornal histórico como uma metodologia ativa. Com intuito de diversificar as possibilidades existentes dentro do repertório das ações pedagógicas que visam promover o protagonismo discente, recuperamos um instrumento usados há anos nas salas de aula, contudo, sem maiores reflexões a respeito e uma sistematização que o viabilize enquanto um recurso pedagógico a ser popularizado. A partir do relato prático verificou-se a importância da ferramenta a ponto de ser considerada profícua para as relações de ensino e aprendizagem que focam numa perspectiva ativa e que ultrapassa os limites de um componente escolar específico.

Palavras-Chaves: Ensino de História; Metodologia Ativa; Relato de Experiência; Jornal Histórico.

HISTORICAL GOSSIP: The Historical Newspaper as an Active Teaching and Learning Methodology

ABSTRACT

This work, structured from an experience report, aims to indicate the historical newspaper as an active methodology. In order to diversify the existing possibilities within the repertoire of pedagogical actions that aim to promote student protagonism, we recovered an instrument used for years in classrooms, however, without further reflection on it and a systematization that makes it viable as a pedagogical resource to be popularized. From the practical report, the importance of the tool was verified to the point of being considered useful for teaching and learning relationships that focus on an active perspective and that goes beyond the limits of a specific school component.

Keywords: History Teaching; Active Methodology; Experience Report; Historical News Paper.

INTRODUÇÃO

Pensar as relações de ensino e aprendizagem na atualidade é se debruçar sobre instrumentos, mecanismos e metodologias que transcendam o ensino clássico no sentido de promover o protagonismo do corpo discente. A sociedade de hoje possui características que lhes conferem o status de sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem (Alarcão, 2007; Castells, 2002). As metodologias

ativas nesse contexto, têm ampliado seu espaço de maneira considerável, alcançando níveis de percepção que lhes conferem um lugar de indispensabilidade. O que não invalida outras tantas metodologias, nem as tradicionais, contudo, materializa um tipo de postura didática e pedagógica que promove nas relações de ensino, ações consideradas ideais para as particularidades da sociedade atual.

Ao localizar o ensino de História nesse cenário, convém recuperar como os componentes curriculares da área de humanas por muito tempo foram considerados como disciplinas decorativas. A História escolar sempre foi vista como um componente curricular restrito aqueles que possuíam boa memória, pois sua concepção de aprendizagem se baseava em reprodução de fatos, nomes e datas, o que a tornava enfadonha e sem diálogo com as realidades do tempo presente. A alteração dessa perspectiva foi possível devido as atualizações de práticas pedagógicas possibilitando reformulações que legaram ao ensino de História um ambiente mais dinâmico e instigante.

Buscando a integração das metodologias ativas e o ensino de História, por entender que essa relação contribui para a promoção de fazeres pedagógicos que qualificam o ensino de maneira geral através da construção de espaços dinâmicos e autônomos de produção de conhecimento, ao mesmo tempo que ampliam o saber histórico. Este trabalho fruto da reflexão originada pela pós-graduação em Metodologias Ativas realizada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), relaciona a experiência discente e docente propondo o “Jornal Histórico” como recurso de metodologia ativa a partir de reflexões de um relato de experiência (RE).

O relato com abordagem qualitativa, caráter descritivo e método experimental, se baseia em um experimento realizado no oitavo ano do ensino fundamental II, no ano de 2023, Colégio Estadual Edivaldo Boaventura (Ceeb), pertencente a rede estadual da Bahia. Como conteúdo curricular, “A Revolução Francesa” foi a temática escolhida por possuir uma grande quantidade de fatos a seres utilizados na construção do produto final e por ser um conteúdo extenso para aulas comuns. Espera-se ao final desse relato o instrumento possa emergir enquanto possibilidade de ferramenta pedagógica alternativa a ser testada por professores em suas práticas pessoais produzindo suas próprias experiências.

A CONSTRUÇÃO DO JORNAL HISTÓRICO COMO UMA METODOLOGIA ATIVA

Em meio a uma geração que se constrói e estabelece a partir das evoluções tecnológicas, pressionando as diversas áreas sociais a se adequar suas características. A esfera educacional se debruça sobre a necessidade de renovação nos fazeres pedagógicos ligados a compreensão dessas singularidades. Desde o final do século XIX, perspectivas educacionais que alteraram o olhar para o aluno no processo de ensino vem se crescendo e alcançando lugares de importância no cenário educacional de tal maneira a ocupar lugar nas normativas institucionais como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e conseqüentemente nos espaços de ensino.

Dentre as inúmeras possibilidades pedagógicas de ensino voltado para o protagonismo discente, as metodologias ativas tem ganhado destaque pelas suas propostas que buscam uma relação de ensino atraente e engajada. Embora existam críticas dos partidários das metodologias tradicionais em relação ao papel dos professores com as novas metodologias, reforçamos o pensamento de Isabel Alarcão quando afirma que essas metodologias não promovem a “morte do professor”, na sociedade de informação ele é o “timoneiro na viagem da aprendizagem” em direção ao conhecimento (Alarcão, 2007, p.31). Nessa configuração existe um deslocamento de atuação do professor, saindo de um lugar de detentor de conhecimento responsável em repassá-lo de maneira unilateral, para um lugar de mediador e orientador do processo de construção de conhecimento marcado pela autonomia do aluno.

Aprofundando o conhecimento a respeito das diversas metodologias ativas, observa-se que algumas são consagradas no meio educacional, e sua utilização de maneira recorrente pode causar o seu desgaste, gerando prejuízo os seus objetivos didáticos. O que nos indica que a abertura de outras possibilidades na construção de metodologias deste seguimento, são importantes para ampliar o repertório ativo de instrumentos para além dos clássicos. Para isso, precisamos dominar suas proposições e buscar construir instrumentos que se adequem a sua proposta.

Em geral “toda metodologia de ensino e de aprendizagem parte de uma concepção de como o sujeito aprende” (Diesel, 2017, p. 271). Na configuração da metodologia ativa existe uma mudança da postura do aluno alterando seu papel, agora no centro, construtor do conhecimento de maneira autônoma e colaborativa, incentivado a ter uma postura investigativa e crítica. A forma ativa de ensino é materializada na maneira que os discentes deixam de receber de forma passiva as informações

prontas, e das mais diversas maneiras (instrumentos e métodos) constroem o conhecimento de forma atuante/movimento/ação (ativa).

A partir da compreensão do que é o método ativo e do anseio em encontrar novas experiências que atuem no mesmo sentido, refleti sobre as experiências didáticas vivenciadas na minha formação secundária, recuperando o “jornal histórico” como instrumento de facilitação de aprendizagem por entender que o mesmo se constituía um importante recurso a ser considerado, por possuir manifestações consideradas exitosas em experiências práticas.

A respeito disso, o professor Sidney Macedo (2012), entende que as manifestações do currículo são feitas também a partir de experiências pessoais e ações particulares. Ao trazer a vivência da época de discente para prática docente encara-se o currículo como ato formativo que está além das normativas escritas para moldar formações, mas um documento vivo e dinâmico que permite interações de antes, durante e depois da formação universitária. São nas vivências que os professores revelam a relação deles com seus alunos, “o que fazem, sentem, pensam e conhecem”, mediante a complexidade e subjetividade inerentes a sua percepção (Alarcão, 2007, p.52). Importante compreender essas nuances da docência que em “análise casuística de episódios reais apresenta-se como estratégia de grande valor formativo” ((Alarcão, 2007, p.52). Nos fornecendo precisos relatos que contribuem para entender realidades e construir possibilidades de atuação cada vez mais proveitosa.

Acessar a experiência como um recurso profícuo para pensar o fazer pedagógico é agir a partir de uma postura dialógica e caminhar no sentido de um processo sempre em construção. Jorge Bondia (2001), ao pensar a experiência nos leva a uma imersão quando a trata como algo que passamos e que de alguma maneira nos toca, contudo, que requer um momento de reflexão, olhar, escuta, sem pressa, o mais devagar possível para que possamos sentir e nos atentar aos detalhes, suspendendo a opinião e o juízo, cultivando através da atenção e delicadeza, olhos e ouvidos para falar sobre o que nos acontece e assim aprender com lentidão, escutando os outros e promovendo a arte dos encontros, através da paciência operacionalizando o tempo e espaço (Bondía, 2001).

As reflexões do autor ampliam a forma de observação da experiência para além da simplificação de algo que já foi vivido e gerou um repertório informativo sobre situações. Ele alerta para uma relação mais cuidadosa atribuindo a experiência um lugar de complexidade e de atenção sem as corriqueiras pressas em definir o

que é observado, um verdadeiro convite a profundidade para ouvir as particularidades da experiência.

Outro fator importante nas considerações de Bondía é seu entendimento sobre a singularidade da experiência, o que a torna de alguma maneira impossível de ser repetida. Desta forma, é um saber que não se separa do indivíduo que viveu, pois, ninguém pode viver, nem aprender da experiência do outro, a menos que essa seja revivida e tornada própria. Ele conclui que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.” (Bondía, 2001, p. 27.)

A experiência em questão foi acessada através de um relato na busca de encontrar uma forma de facilitar o processo de ensino de um dos conteúdos programáticos considerado pelo autor um dos mais espinhosos aos alunos. Sobre os RE Mônica Daltro e Anna Faria trazem importantes observações:

O RE é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos (...) ao longo de diferentes tempos. Isso posto, conjugará seu acervo associativo agindo processualmente, tanto em concomitância com o evento, como trazendo o produto processado pelas elaborações e em suas concatenações, e, finalmente, apresentará algumas das suas compreensões a respeito do vivido. (Daltro e Faria, 2019, p. 228)

Em um contexto acadêmico, os RE se inserem no sentido de ultrapassar a “descrição da experiência vivida (experiência próxima)”, caminhando na a sua “valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo”, e por meio da aplicação “crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)” (Mussi et. al, 2021, p.64) se transformando em um importante elemento científico de análise de objetos.

O RE é entendido como expressão escrita de vivências que possuem capacidade de contribuir para construção de conhecimentos sobre mais variadas temáticas (Mussi et. al, 2021). Surge como uma possibilidade de construção narrativa científica, especialmente nos campos de pesquisas que englobam processos subjetivos como as ciências humanas (Daltro e Faria, 2019). Embora, os estudos relacionados aos RE estejam concentrados nas discussões dedicadas à sua percepção e compreensão enquanto modalidade crítica-reflexiva. Corroboramos com o entendimento da necessidade de aprofundamento nas análises que abordem o RE enquanto uma modalidade de redação acadêmica-científica, saindo da esfera estrutural de construção de textos e caminhando para o aperfeiçoamento da qualidade na construção de

reflexões acerca da produção do conhecimento relacionado as experiências (Mussi et al, 2021). A produção de estudos sobre RE e trabalhos que utilizem sua metodologia contribuem para a evolução do conhecimento em geral na medida que ajudam na evolução prática dessa modalidade (Córdula e Nascimento, Apud Mussi et. al, 2021, p. 65)

Entendendo que o conhecimento humano é fruto das experiências vividas ao longo de sua história e que as mais diversas formas de registros têm uma relevância considerável no processo de transformação da prática de vida em conhecimento empírico. A ciência moderna iniciada em Bacon e aprofundada em Descartes desconfia da experiência e tenta convertê-la em método por considerar um caminho seguro para ciência. A respeito disso Jorge Bondía observa que enquadrar a experiência em termos do método positivista não é um meio do saber que forma e transforma a vida dos homens e sua singularidade, mas um método da ciência objetiva que se apropria do domínio do mundo. A tentativa de converter a experiência em um experimento no caminho tecnicamente seguro e previsível da ciência, é a busca da previsibilidade e regularidade que pretende conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las (Bondía, 2001).

Uma vez vencido e abandonado o saber da experiência e uma vez separado o conhecimento da existência humana, temos uma situação paradoxal. Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas de conhecimento que atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando-a. A vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se. (Bondía, 2001, p.28.)

Essa abordagem materializa uma produção de conhecimento de testes e observações e suas infinitas incertezas, em uma acumulação de verdade objetivas. Em se tratando do ser humano e das questões sociais que o cercam, tentar enquadrar a experiência em resultados categóricos a partir de experimentos, se mostra ineficiente. Afinal, a singularidade e subjetividade dos indivíduos somadas as outras variáveis que incidem em cada situação, produzem respostas diferentes e criam cenários diversos que dificultam enquadramentos gerais. Embora o experimento seja genérico, a experiência é singular. Sendo assim, ela se materializa na diferença, heterogeneidade e pluralidade (Bondía, 2001).

Diante desse cenário, os RE despontam como importante mecanismo de reflexão sobre experiências na medida que permitem análises de objetos a partir vi-

vivências cotidianas, abrindo possibilidades de aprofundamento e investigações. Através de seu caráter pessoal e subjetivo, Daltro e Faria (2021), nos relata a experiência como objeto de análise do RE, a partir de uma “fonte inesgotável de sentidos e possibilidades passíveis de análises”, através de suas “inúmeras possibilidades narrato/descritivas advindas dos encontros irreduzíveis apresentados nos RE” (Daltro e Faria, 2021, p. 227). Convém olhar o RE como algo que não se encontra numa perspectiva de construção científica pautada em métodos tradicionais, mas como algo pessoal e subjetivo que permite um olhar crítico sobre vivências ao mesmo tempo que indica possibilidades de reflexões sobre um campo e objeto indicado.

A divulgação da experiência como reflexão de realidades e construção de possibilidade a partir das especificidades de cada espaço de ensino, necessita de seu impulsionamento e popularização. Caminhando no sentido oposto das tentativas de padronizar o ensino a partir de modelos generalistas que desconsideram as particularidades locais. Nesse sentido, reflete-se a importância desses relatos, e da relação com a produção acadêmica. É notória as diversas barreiras para que essas experiências sejam produzidas e divulgadas, as tensões que academia impõe ameaça, inibe e afasta aqueles que não possui uma relação de maior proximidade. Nesse aspecto, o RE emerge como uma grande possibilidade para dar espaço de construção e divulgação de experiências didáticas e conseqüentemente conhecimento sobre as infinitudes de relações de ensino.

A partir dessas reflexões buscamos analisar a experiência didática pedagógica que se insere na perspectiva ativa de produção de aprendizagens. Através da seleção do objeto a ser o mote da ferramenta usada, o periódico, evidenciamos que a sua relação com o ensino de História é desenvolvida basicamente na sua utilização como fonte. Tânia Luca (2008), nos revela sua importância enquanto um elemento que nos conta muito sobre o passado, não só como informações sobre fatos, mas através das especificidades do documento. As relações existentes entre a fonte histórica e os processos de intencionalidades são fundamentais para entender as nuances do objeto, pois as vinculações políticas e sociais de quem produz as notícias devem ser evidenciadas de maneira crítica promovendo reflexões aos alunos da não neutralidade da fonte e construir um olhar crítico sobre a mesma.

No mesmo sentido das reflexões postas acima, Circe Bittencourt (2008), nos alerta para sua concepção de fonte não neutra, e por isso necessita de um olhar crítico. Já Selva Guimarães Fonseca (2003), ressalta a importância de sua utilização

em sala por colaborar no fomento do debate e formação do espírito crítico e inventivo. Dentre as fontes históricas e suas possibilidades de utilização em sala, o periódico tem uma relevância considerável por permitir como poucas, reflexões sobre as diversas influências na produção do documento, ajudando assim, a ampliar as discussões sobre categorias caras a historiografia e o ensino escolar.

A proposta do trabalho em questão, inverte a lógica de um produto pronto para ser analisado, e invoca o espírito criativo e inventivo ao propor que os alunos construam um jornal informativo do tema em questão através da utilização de certas características existentes em um periódico. A perspectiva inversa possibilita os alunos construírem a fonte a partir dos fatos estudados, utilizando da consciência de que não se narra um fato “como aconteceu” de maneira isenta, narra-se o fato a partir de um local histórico e social que esse aluno deve assumir conscientemente.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO JORNAL HISTÓRICO: EXPERIÊNCIA, REFLEXÕES E METODOLOGIA.

Construir caminhos didáticos, ver e rever metodologias em uma constante perspectiva freiriana ação-reflexão-ação é uma necessidade prática de quem convive com o ensino em seu cotidiano. Construir, estruturar e dinamizar situações de aprendizagens de maneira que seduza seu público alvo a conquistar espaços de confiança e conseqüentemente produção de conhecimento, são horizontes a serem buscados pelos profissionais de educação que pretendem gestar relações de aprendizagem de sucesso. Nesse contexto, recuperar momentos da época discente a ponto de resgatar pela memória instrumentos a serem utilizados na prática docente se constitui um importante reforço para o repertório didático.

O jornal histórico me foi apresentado apenas uma vez em toda trajetória escolar básica, como atividade na sétima série do ensino fundamental no início dos anos 2000. Um trabalho considerado na época diferente e prazeroso (por mim) por permitir o uso da imaginação de maneira livre através da escrita sobre um conteúdo específico, a Revolução Francesa. Alguns anos depois, atuando como professor diante das dificuldades encontradas no processo de ensino de maneira geral, sobretudo em trabalhar o mesmo conteúdo programático no ano de 2017, refleti sobre possibilidades didáticas que me permitissem construir caminhos para mediar a aprendizagem, surgindo então a lembrança do jornal elaborado na minha época de estudante. As-

sim, recuperei a mesma ferramenta para auxiliar no processo de ensino. Utilizada inicialmente de maneira ainda incipiente, e após algumas experiências e ajustes, em 2019, passou a integrar o plano de atuação de maneira regular.

As produções nos anos de 2019 no Centro Educacional Dr. Jeovando Lopes de Almeida na cidade de Umburanas e 2022, 2023 no Colégio Estadual Edivaldo Boaventura na cidade de Salvador, são consideradas exitosas, devido o envolvimento dos estudantes, a qualidade do material produzido e o retorno nas avaliações institucionais, além do perceptível desenvolvimento de habilidades e competências que advogam positivamente em favor do instrumento.

Embora seja evidente sua dimensão técnica como será descrita adiante, o jornal histórico com alternativa didática tem como objetivo central incentivar os estudos, empolgar, seduzir, desenvolver criatividade ao mesmo tempo que promovem qualidades didáticas através de uma atividade diferenciada.

Refletindo sobre o jornal como gênero literário, Luiz Antônio Marcuschi nos afirma que o periódico é uma ação sociodiscursiva para agir sobre o mundo, e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (Marcuschi, 2002). O jornal materializa em diversas formas de textos características de nossa vida cotidiana, utilizando formatos próprios de comunicação que conferem a sua produção uma formatação híbrida. Neste caso, operacionalizamos seu arranjo clássico de jornal possibilitando esses movimentos de integração de várias semioses e arrumações técnicas através do desenvolvimento de habilidades e competências requeridas pelos níveis de ensino e trabalhadas didaticamente.

O modelo da atividade construído é voltado a uma perspectiva ativa, realizado em equipe e possuindo alguns blocos que podem ser flexibilizados. Abaixo sintetizamos em um quadro a proposta de caminho metodológico do instrumento.

Tabela 1- Descrição Metodológica do Jornal Histórico

MOMENTO	AÇÃO
1º – Primeira aula	Sala: Orientação inicial com informações sobre a temática e distribuição de material para estudos. Casa: Leitura
2º – Segunda aula	Sala: Após as leituras e estudos iniciais - Construção de um <i>brainstorm</i> em forma de mapa mental para toda sala no quadro

3º – Terceira aula	Sala: Explicação das características do gênero jornalístico e os elementos que devem compor o “jornal histórico”. Discussão sobre fonte histórica: periódico Aula Expositiva: Slides com exemplos
4º – Quarta aula	Sala: Reunião da equipe para definição prévia de fatos e notícias a serem produzidos Casa: Produção Jornal
5º – Quinta aula	Sala: Apresentação do jornal impresso Após correção: Colagem nas paredes da escola

Fonte: Autoria própria

O produto final conta com a exigência de elementos técnicos específicos de um jornal como nome autêntico relacionado com tema, data, matéria de capa, imagem de capa, notícias secundárias, curiosidade, influência no Brasil. Elementos descritos no barema abaixo:

Tabela 2 - Barema de Avaliação

Elemento	Status	Nota
Nome e Data	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Matéria de Capa	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Imagem de Capa	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Notícias Secundárias	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Curiosidades	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Influência no Brasil	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	
Forma de construção do texto (escrita tempo presente)	() Atendido () Atendido Parcialmente () Não Atendido	

Fonte: Autoria própria

Importante elemento do jornal é a escrita em tempo presente, exigindo de os estudantes serem inventivos, se transportando ao momento histórico que querem narrar e descrever em sua escrita. Na tentativa de acessar o dia e caminhar através de sua imaginação em cada espaço que se pretende reconstruir nas páginas de seu jornal. A pesquisa em si é de vital importância para encontrar elementos que possibilitem o conhecimento aprofundado do que se pretende narrar.

Para a construção do instrumento é facultado a utilização de modelos de *layout* de jornais encontrados na internet, entretanto, as informações e os textos devem ser autênticos e autorais. O processo de construção tem orientação do professor mediador em todos os momentos. Ao final, os jornais são expostos nas paredes de sala para todos acessarem e lerem e posteriormente postado nos muros e painéis da escola, como também em espaços digitais quando existentes.

Ressaltamos a importância da divulgação dos trabalhos no sentido formativo e informativo para a escola, tanto do componente estudado, como da forma de elaboração do instrumento que funciona também como elo de ligação entre os turnos e possibilita diálogos através de material didático produzido, numa perspectiva de motivação recíproca e ampliação do alcance. A construção do jornal pode provocar diversas significações devido a proposta de exposição do material agindo diretamente no envolvimento pessoal do aluno interferindo na qualidade do produto tornando sua exposição um elemento motivador.

A exposição do material pode gerar outras possibilidades de significações elaboradas individualmente pelos alunos, se constituindo também como elemento inibidor para aqueles que produzem materiais de maneira mais singela, ou são inseguros na sua produção de forma geral. Entretanto, são dimensões que precisam ser previstas, consideradas e trabalhadas no sentido de mitigar esses sentimentos e posturas que interferem na produção do instrumento. Diante desse cenário, o professor mediador deve sensibilizar os alunos promovendo o envolvimento independente dos recursos utilizados na sua confecção. Sobre esse aspecto, o conteúdo precisa ser focalizado em detrimento da forma, ainda que o material final requeira a conjunção dos dois.

A avaliação do instrumento deve se debruçar sobre a estrutura indicada pelo barema com *layout*, nome, imagens, a técnica de escrita e principalmente o tempo verbal que implica em um empenho de imaginar-se no local assim como um livro, numa tentativa lúdica de construir uma máquina do tempo imaginária que os movam

ao momento dos fatos. Consideramos essa exigência um traço importante do trabalho pela liberdade de escrita e motivação dadas as possibilidades e caminhos que podem ser usados na escolha e narrativa dos fatos.

Reconhecendo a multiplicidade social dos alunos, os jornais podem ser produzidos de diversas maneiras podendo ser construído digitalmente e impresso, escrito em forma cursiva e colagem de imagens. O processo avaliativo que considera a diversidade das formas de construção, deve acolher e respeitar as individualidades e singularidades a partir do entendimento que existem tempos e ritmos de aprendizagens diferentes. Uma visão madura do processo de aprendizagem deve também considerar que embora exista um modelo avaliativo, os processos individuais de construção de conhecimento devem ser observados. Assim sendo, o jornal pode desenvolver habilidades diversas em níveis diferentes em cada aluno, fator que deve ser avaliado e utilizado nas análises individuais de desenvolvimento.

EXTRA! EXTRA! EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DOS JORNAIS CONSTRUÍDOS

A atividade analisada enquanto experiência para este trabalho foi realizada no mês de julho do ano de 2023, pelos alunos do 8º ano do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura. As intervenções seguiram o quadro de metodologia descrito acima com encontros de orientação e produção.

Foram realizadas em três salas, uma do turno matutino e duas do turno vespertino somando o total de 102 alunos. Enquanto nas salas do 8M1 E 8V2 as aulas transcorreram de maneira regular, no 8VI foi prejudicado pela rotina devido a eventuais faltas de encontros e o espaçamento entre as aulas do projeto. Para melhor diagnóstico foi decidido separar por turnos, por entender que existem aproximações socioestruturais que ajudam a compreender melhor o fenômeno. Embora não exista uma análise aprofundada a respeito das condições que influenciam nos resultados entre os turnos e salas, a experiência prática da convivência ao longo de anos entre diversas escolas, bem como CEEB, nos permite promover certas reflexões. Em geral as turmas do turno vespertino possuem uma característica diferenciada do matutino em relação ao envolvimento em atividades e entrega das mesmas, demonstrando certa apatia e baixo nível de envolvimento dos alunos podendo estar relacionado a diversos fatores com destaque ao socioeconômico e envolvimento familiar.

Sobre o processo de produção, a postura adotada pelo professor foi de orientação e liberdade na sua construção e envolvimento no processo, sem maiores co-

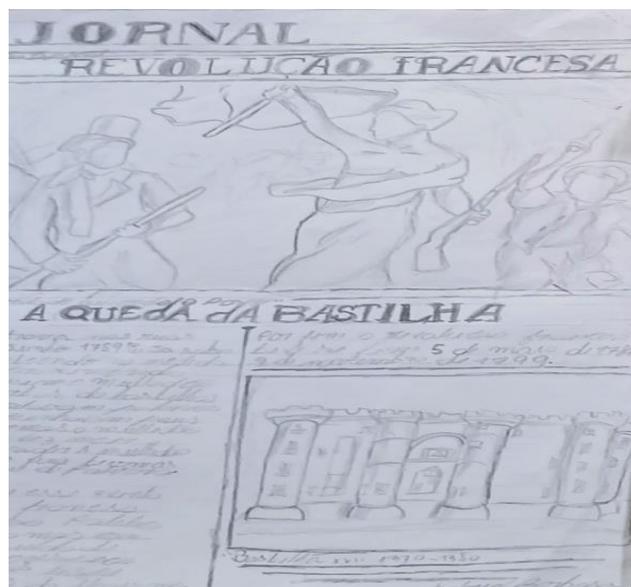
branças ou exigências. Mesmo com possibilidade de realizar a atividade com recursos digitais através dos celulares e *chromebooks*, alguns alunos preferiram fazer de forma manuscrita, quer seja pela comodidade, dificuldades com a manuseio dos recursos tecnológicos ou pela tradição. Ressaltamos que além da disponibilização dos aparelhos pela escola, todos os grupos de ambos os turnos possuíam pelo menos um celular disponível para utilização, em alguns casos, principalmente manhã, o grupo inteiro possuía celular. Os trabalhos foram entregues de forma variada, com material impresso, manuscrito em cartolina, papel ofício e pautado.

Imagem: 1 – Jornais Históricos Produzidos



Fonte: Registro do autor

Imagem: 2 – Exemplo de Jornal Construído de maneira manuscrita



Fonte: Registro do autor

Seguem abaixo os resultados que consideraram o barema descrito anteriormente.

Tabela 3 – Tabela Resultados do Jornal Histórico

STATUS	SALAS		
	8M1	8V1	8V2
Entregaram	32	21	17
Não Entregaram	6	15	11
Notas entre 7 - 10	23	12	11

Fonte: Autoria própria

De maneira global, aproximadamente 70% entregaram as atividades, 45% alcançando notas acima do exigido (nota 7). Observando pelos turnos o cenário matutino apresenta 94% de taxa de entrega, contando com aproximadamente 72% de notas acima do ideal. No vespertino, 58% aproximadamente entregaram a atividade, com 35% alcançando notas acima média. Evidencia-se nessa observação a característica da devolutiva do trabalho, no matutino praticamente toda sala entregou, no vespertino, mais da metade.

Observando o turno matutino ressaltamos que não existe uma homogeneidade de turma em termos de constituição social, apesar dos alunos derivarem em sua maioria do mesmo bairro, alguns possuem origem de escola particular, melhores condições econômicas e apoio familiar o que fortalece sua relação com ensino e ajuda na agregação dos demais que não possuem as mesmas características. Em geral, o turno demonstra um envolvimento considerável da maioria dos alunos. O 8M1 possui uma prática de maior dedicação aos estudos, o que corroborou para uma relação de ensino e aprendizagem mais frutífera e influenciou na qualidade do material e do domínio das discussões historiográficas produzidas. Característica marcante em parte dos alunos foi a satisfação na entrega do jornal pronto. Enquanto alguns demonstravam o alívio de mais uma atividade entregue e sua nota, outros estampavam a alegria e senso de dever cumprido, sentimentos reforçados através da relação entre os grupos que emitiam comentários positivos entre si. O momento de entrega dos resultados foi fundamental para utilização de palavras de afirmação nos elogios, e na delicadeza das propostas de melhorias e de motivação para os futuros trabalhos.

O turno vespertino possui turmas com características diferentes, embora tenham um resultado similar nessa atividade com a reprodução de uma postura apática. Em geral o 8V1 tem um desempenho diferenciado, muito pela composição social de sua turma que espelha em parte o matutino em relação as condições socioeconômicas e apoio familiar. Contudo, os problemas no percurso das oficinas e encontros afetou o desempenho. Embora os resultados de entrega superem as atividades realizadas no cotidiano, esperava-se uma quantidade maior em ambas turmas. Em si tratando de uma atividade voltada para motivação e envolvimento da maior parte da turma, 58% é considerada não satisfatória.

O 8V2 tem como característica marcante ser composto por parte dos alunos com distorção idade/série. Na atividade proposta a maioria reproduziu a mesma postura de outros momentos e disciplinas com desinteresse e baixo envolvimento. Atribuímos como justificativa a esse comportamento a possibilidade de influência das dificuldades com a formação básica de leitura e escrita, característica latente na turma. Além das questões sociais que se evidenciam no cotidiano, entre elas, a falta de acompanhamento familiar. Pensando a sala como parte do ecossistema escolar, refletimos como as posturas de grupos contaminam o todo ou maior parte, influenciando os estudos de maneira positiva ou negativa. O que nos move a entender a necessidade de reflexões que busquem alterar essas características na produção da atividade. Inicialmente pensou-se em adaptar o trabalho para a turma, contudo, mantivemos a mesma dinâmica das outras no intuito de experimentar o instrumento em salas com maiores dificuldades.

O jornal histórico para além das funções didáticas, tem por objetivo também, a discussão teórica de fonte e acesso ao conteúdo específico. Entretanto, a realidade vivida está além das expectativas das normativas legais, o cotidiano do chão da escola nos revela as distâncias existentes no processo formativo dos alunos. O que requer de qualquer atividade e projeto um olhar que permita um espaço de adaptação de maneira que atenda às necessidades reais de cada clientela que se pretende alcançar.

Entendemos que não se deve esperar utopicamente o alcance e envolvimento de todos, pois existem questões maiores que independente do trabalho seu alcance é complexo. Contudo, o horizonte a ser buscado reside na tentativa de entender e promover uma atividade que se alargue onde for possível. Um dos traços das escolas e dos professores reflexivos e práticos é o entendimento da não linearidade.

Embora existam lugares de saber, de domínio em termos de habilidades e competências, os caminhos são diversos e devem ser considerados. Por isso a mediação também precisa dessa abordagem para entender cada um em seu espaço e suas necessidades específicas (Alarcão, 2007).

Essa experiência reforça a importância em trazer a luz as realidades que são vivenciadas diariamente nas salas de aula e nos confronta com real e o ideal. São peculiaridades que se expressam em grupo e individualmente transformando as salas em um caleidoscópio de vivências que precisam ser consideradas se quisermos alcançar os objetivos educacionais propostos. E nesse sentido, nos move para um lugar de desconforto que nos impulsiona a encontrar caminhos e possibilidades para esses casos. O que nos fez também refletir que as atividades não devem apenas buscar o envolvimento ativo na perspectiva de aluno enquanto produtor de conhecimento, mas além disso, gerar vontade de se envolver por ser prazerosa e com sentido. O aluno deve querer fazer porque enxerga nela, ou confere a ela, sentido em sua vida, e para isso, dinamizar a atividade numa perspectiva de aproximação de sua realidade é fundamental.

A construção do jornal envolve também a relação do alunado com o desenvolvimento pessoal e de sua relação com os elementos requeridos. Assim como as atividades em geral não devem ser exigidas de forma inflexível a partir da percepção prévia de um modelo idealizado pelo professor, convém flexibilizar essas produções a partir do desenvolvimento individual dos recursos exigidos. Queremos dizer com isso que embora exista um modelo a ser solicitado a partir de características idealizadas pedagogicamente, porque elas possuem razões didáticas para serem requisitadas. O instrumento entregue pelo aluno deve ser analisado a partir das individualidades, que, indicam os estágios de desenvolvimento cognitivo de habilidades e competências de cada um em seu processo pessoal, indicando caminhos a serem percorridos no sentido de maturação destes.

De maneira geral consideramos a experiência exitosa para além do material em si, os conteúdos programáticos foram discutidos, elaborados e assimilados de diversas formas, refletindo também em um desempenho favorável nas avaliações do trimestre. Mesmo com as dificuldades encontradas, consideramos que o material produzido tenha atendido as exigências requeridas, o que reforça sua utilização como ferramenta pedagógica. Observa-se que os casos que não conseguiram alcan-

çar os objetivos traçados, podem ser ajustados a partir de intervenções localizadas e aprimoramentos como nos indica Daltro Faria:

o pesquisador construirá suas escolhas e, necessariamente, decidirá interromper o fluxo de possibilidades dos inesgotáveis períodos reflexivos, para afirmar e processar uma sistematização sobre a experiência vivida. (Daltro e Faria, 2019, p.228)

Segundo Alarcão (2007), o professor reflexivo é aquele que o constrói conhecimento a partir do pensamento sobre sua prática e diante de situações profissionais de incertezas e imprevistos, atua de forma inteligente, flexível, situada e reativa. Esse profissional docente entende que o processo de aprender segue interesses, ritmos e necessidades próprias (Alarcão, 2007). A experiência discutida nesse trabalho foi importante ao nos ajudar a identificar as necessidades de adaptações do instrumento de acordo com salas e turnos. Embora seja notório as diversidades sociais, econômicas e cognitivas entre os alunos e as salas, cada uma se constituindo um verdadeiro universo, entendemos que a atenção ao processo construtivo do turno vespertino deve ser ampliada, uma vez que o alunado do turno possui dificuldades na construção do instrumento que advém de questões particularizadas.

A partir das reflexões sobre aplicação da atividade e seus resultados, indicamos abaixo uma lista de potencialidades práticas de cunho didático pedagógico para melhoria da utilização do instrumento.

Tabela 4 - Possibilidade de Melhorias

Melhoria	Descrição
Oficina de Canva e <i>Power Point / Word</i>	Realização de oficina de utilização – feita pelo professor ou aluno que domine a ferramenta
Oficina de escrita no gênero literário jornal	Parceria com a disciplina de língua portuguesa
Entrega processual de atividades / Flexibilidade	Entrega processual por etapa - Principalmente no turno vespertino.

Fonte: Autoria própria

Como possibilidades de melhoria indicamos a realização de oficinas no aplicativo *Canva e Power Point/Word* com intuito de ampliar as possibilidades de sua utilização na construção do material em termos estéticos e de maneira geral para formação pessoal e utilização em outras atividades. Observamos também que a inclusão de uma oficina de escrita do gênero literário realizada pelo especialista da área, diferente da abordagem simplificada feita pelo professor de História, pode con-

tribuir para aprofundamento das discussões a respeito do gênero bem como da construção dos textos.

Além das intervenções técnicas indicadas acima, ressaltamos a dimensão de atuação do professor mediador a partir da relação reflexiva sobre sua prática. “Deixar correr solto” a partir de uma concepção de liberdade ofertada aos alunos, deve ser reconsiderada quando necessário a depender das características da turma. Como indicativo de melhoria indicamos a exigência da entrega processual de cada etapa: leitura, o *brainstorm*, escolha da matéria, etc. alterando a forma de acompanhamento de maneira mais livre para mais próxima (principalmente no turno vespertino), além da flexibilização da entrega das atividades em datas posteriores (próximas) a determinada. Essas mudanças são importantes para criar uma rotina de produção e responsabilidade, além de evitar a desmotivação para aqueles com problemas de entrega nas datas.

No intuito de construir sentido e aproximação com as realidades, indicamos a possibilidade de criação e utilização de memes em uma seção do jornal. Também pensamos que a introdução de outras formas de linguagens e utilização de habilidades e competências de outras disciplinas como gráficos, charges, mapas entre outros recursos são importantes para a interdisciplinaridade e o desenvolvimento do aluno em diversas áreas do conhecimento.

Recuperando Bondia (2001), para refletir sobre a minha experiência e a sua proposta, corroboro com suas reflexões que indicam que embora o experimento seja repetível, a experiência não é, pois dificilmente as condições da experiência serão as mesmas, sendo assim, sempre existirá algo como se fosse feito na primeira vez. Enquanto o experimento busca previsibilidade, a experiência abriga a dimensão da incerteza. Ademais, embora o experimento possua um objetivo e caminho previsto, deve-se possibilitar a abertura para o desconhecido e não se antecipar os resultados. Assim, o instrumento discutido por esse trabalho é fruto de reflexões que utiliza da experiência pessoal no campo educacional como alternativa de possibilidades didáticas que deve se adequar as realidades individuais de quem pretende experimentar o instrumento.

Reforçamos que o barema e a metodologia são elementos dinâmicos que podem ser revistos com inclusões e exclusões através de aprimoramentos a partir das realidades diversas. Importa nesse trabalho a indicação do instrumento enquanto

uma possibilidade de metodologia ativa, sua divulgação, disseminação e utilização a partir das realidades específicas locais. O instrumento em si pode ser usado em todos os níveis, com uma abordagem simples e lúdica no fundamental I ou algo mais complexo a ser usado até no nível superior. A exigência dos critérios avaliativos no barema deve se adequar onde for utilizado, podendo ser reduzido ou ampliado a depender do que se espera da sua produção. Dentre as diversas possibilidades o jornal pode ser também culminância de unidade letiva no fundamental II e Ensino Médio com o diálogo entre todas as matérias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho surgiu de uma reflexão prática extraída do curso relacionado a uma experiência discente-docente. Sua construção foi pensada por entender que essa metodologia se encaixa nas características da prática ativa. Por não haver trabalhos que discutam esse instrumento buscou-se ao longo do texto sistematizar a metodologia do instrumento afim de servir como indicativo para outros profissionais de educação nos mais diversos componentes curriculares. Os exemplos práticos retirados da experiência em sala foram importantes para mensurar a qualidade do produto e reforçar sua indicação como uma metodologia a ser experimentada pelo seu dinamismo, criatividade e adesão.

Tecnicamente a relação com a disciplina história e o ensino escolar, para além do conteúdo histórico abordado, a discussão da fonte histórica – o periódico – é um elemento essencial para a base da disciplina na sua vertente crítica e atual. Promover reflexões sobre intencionalidade e sobre as relações de poder que se consubstancializam na construção da fonte, é fundamental para refletir sua influência na disseminação de informações e construção de opiniões/posições frente aos temas abordados. O periódico era e é uma voz de manutenção de *status quo*, de oposição, de crítica, um objeto muito importante em uma sociedade, deste modo, reforça a importância da discussão promovida por essa atividade.

Esse RE ao refletir sobre vivências no ensino básico e sobre as metodologias ativas, espera contribuir com o repertório de instrumentos que fortalecem uma abordagem crítica e atual movida pelo protagonismo juvenil e pelo incentivo aos estudos como algo prazeroso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- DALTRO, Mônica Ramos e FARIA, Anna Amélia de. Relato de Experiência: Uma Narrativa Científica na Pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. *Estud. pesquis. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.
- DIESEL, A., Santos Baldez, A. L., & Neumann Martins, S. (2017). Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, 14(1), 268-288.
- FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, Reflexões e Aprendizados. Campinas: Papyrus, 2003.
- LUCA, T. R. D. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MUSSI, Ricardo F. F. et. al. Pressupostos para a Elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. **REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL** v. 17, n. 48, p. 60-77, OUT./DEZ. 2021
- MACEDO, Roberto Sidnei et al (Orgs). **Currículos e processos formativos**: experiências, saberes e culturas. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MOREIRA, M. A. **A Teoria da Aprendizagem Significativa e sua implementação em Sala de Aula**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- PAIVA, M. R. F. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: **Revisão integrativa**. [online] Sanare, Sobral, 2016, Vol.15 nº.02, p.145-153.